

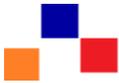


---

## *LICITAÇÕES: O CORPO E AS ARTES – POLIFONIA 30*

As artes rompem com tradições, recriam e reinventam a noção mesma de realidade, ao tempo em que se revelam por meio de novas soluções de representação e codificação de uma realidade. Nesse horizonte se coloca o corpo, em torno do qual assistimos, hoje, a constituição de um campo semântico e conceitual polissêmico que remonta discussões fundantes do pensamento ocidental já presentes desde a antiguidade clássica.

Autores contemporâneos como Jacques Derrida e Michel Foucault, ao se debruçarem sobre o pensamento grego, apontaram para a existência de tradições de interpretação diametralmente opostas sobre o corpo dentro de um mesmo conjunto de textos. Derrida, em *A farmácia de Platão* (1972), assinalou a cadeia conceitual cara ao funcionamento do texto de Platão, especificamente em *Fedro*. Neste diálogo platônico estão contidos os princípios pelos quais se estabeleceu no pensamento ocidental uma corrente interpretativa que exalta a dependência mútua entre Verdade e Presença corporal. O Fonologocentrismo, um dos alvos da desconstrução derridiana, tem um de seus corolários no movimento de uma valorização insidiosa do discurso falado, que vem acompanhado do corpo, da presença física e da voz, em detrimento do discurso cujo ponto de origem está ausente, a escrita, que seria um simulacro, um “discurso órfão”, sem o amparo de uma presença física que possa responder por ele quando indagado. A voz e a presença do corpo foram eleitos pela tradição Fonologocêntrica de interpretação do texto platônico como índices da Verdade. Já Foucault, em seu último seminário, *A coragem de verdade* (1984), ao reler o conjunto de textos de Platão que narram a morte de Sócrates, constata, por meio de um trabalho filológico, que há toda uma história da estilística da existência que foi, de certo modo, encoberta e dominada por uma história da metafísica da alma. A história da *psykhé*, diz-nos Foucault, foi a maneira pela qual se estabeleceu a ontologia da alma. É nesse contexto discursivo, de uma ontologia da alma, que serão exaltadas as ligações indissociáveis entre alguns temas como



a Alma, a Imortalidade, o Belo e a Verdade. A síntese feita pelo cristianismo desse núcleo discursivo do pensamento grego só fornecerá sobrevida extra no pensamento ocidental para as imagens e concepções do corpo que o configuram como uma espécie de cativo, continente temporário, simulacro, um suporte temporário para algo eterno e imortal que seria a alma.

Tendo em vista a existência de formas tão distintas de conceber o corpo, temos a certeza de que muitas das indagações feitas pela antiguidade clássica a respeito dele estão atuantes em nossos dias. Ainda não sabemos, como constatou Baruch Espinoza em sua *Ética demonstrada à maneira dos geômetras* (1979), o que pode um corpo.

O que é um corpo? Como constituí-lo simbolicamente? Que técnicas fazer intervir sobre ele?

Essas perguntas são continuamente reformuladas, sobretudo pelas artes. Segundo a perspectiva da antropologia literária, representada pelo trabalho de Wolfgang Iser, as artes são atividades que correspondem a um esforço de “autointerpretação do homem” (1994, p.17). Desnecessário dizer que os modos de experienciar o corpo, constituí-lo simbolicamente, e eleger quais técnicas fazer incidir sobre ele estão intimamente relacionados com essa possibilidade de autointerpretação dada pela atividade artística. É justamente aí que se encontra o ponto de articulação entre os trabalhos do dossiê e as entrevistas da presente edição do periódico *Polifonia*.

Concedendo-nos uma entrevista, o professor e diretor vocal Ernani Maletta, demonstra a importância de uma necessária reinterpretação do conceito de corpo pela prática artística:

No que se refere ao conceito de corpo, pelo menos no que diz respeito às línguas latinas – até onde me foi possível conhecê-las –, temos um sério problema de carência vocabular. Assim, a tentativa de não reforçar a dicotomia cartesiana, que separa corpo e mente, corpo e voz, corpo e emoção, muitas vezes se frustra, pois que nome dar ao complexo corpo-mente-voz-emoção-[...]?

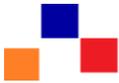


Se no campo da teoria do teatro, as ausências vocabulares, apontadas por Maletta, levar-nos-iam a incessantes tentativas de ressignificar a ideia de corpo para além da dicotomização cartesiana entre corpo e pensamento, na prática literária, conforme revela acerca de sua obra o professor e escritor Oscar Nakasato, também é o excesso vocabular que provoca o movimento de ressignificação do corpo através de um contraponto que opta pela delicadeza e simplicidade de linguagem:

Livre dos artifícios de linguagem, que via de regra se fazem acompanhar na ficção brasileira atual pela espetacularização da sordidez, da crueza, da violência e do sexo que exacerbam a materialidade do corpo, *Nihonjin* propõe-se como representação realista, caligráfica e ao mesmo tempo lírica dos acontecimentos. O corpo representado, para sublinharmos um exemplo de transcrição realista, é apreendido pela percepção do afeto. Trata-se de um corpo que sente e não apenas de um corpo que atua. Tal humanismo não exclui o corpo doente, sedentário, extenuado, debilitado pela velhice; o corpo da dor é o mesmo corpo em que todo o prazer também se levanta.

Os artigos foram aproximados de acordo com a sua oferta: ao todo, quatro *licitações*: 1. “Grafias do corpo no palco”; 2. “Corpo: paisagens eróticas e míticas”; 3. “Corpo e psicanálise: litorais”; 4. “Potências corporais na educação”.

A primeira licitação traz os artigos de Sérgio Nunes Melo, *Quanto mais eu rezo menor a minha graça: agência corporal em sonho de uma noite de verão*, que, de saída, convida-nos a uma leitura “encarnada” do texto shakespeariano e de toda dramaturgia renascentista. No intuito de estabelecer “a ponte entre a contemporaneidade e a aurora da era moderna”, o autor recorre à teoria dos humores para a compreensão das noções de política do desejo, práticas disciplinares, normatividade corporal e consequente resistência, por meio da obra shakespeariana *Sonho de uma Noite de Verão*; de Ernani Maletta, *A interação música-teatro sob o ponto de vista da polifonia*, que explora de modo experiencial as possibilidades de uma grafia que possa se oferecer como estratégia de criação ao trabalho do ator e de situá-lo no diálogo entre a música e o teatro. Sobre a teledramaturgia, *Dona Redonda: Uma personagem, um corpo*



*político*, de Dilma Beatriz Juliano, realiza uma análise da personagem Dona Redonda da telenovela *Saramandaia*, de Dias Gomes, apresentando um estudo sobre a transgressão à norma imposta ao corpo como uma afronta a uma cidade cingida por um rígido controle social, fazendo uma crítica ao regime político vivido à época de sua transmissão. Na esteira da poética drummondiana, Carina Dartora Zonin e Antonio Marcos Vieira Sanseverino, em *Enquanto ecoam as vozes, tessitura poética bakhtiniana, eu-outro, eu-outro, eu-outro...*, buscam as forças que colocam diferentes vozes sociais em movimento – versos polifônicos, imersas no discurso a uma só voz, considerando que o eu lírico se nomeia outro somente a partir de si mesmo.

A segunda licitação é aberta pelo artigo *Uma Ode à Reconciliação: a poética corporal de Gilka Machado, Hilda Hilst e Olga Savary*, no qual Andréa Jamilly Rodrigues Leitão e Antônio Máximo Ferraz apresentam um estudo das representações corporais a partir da expressão poética da transfiguração dos corpos dos amantes em elementos da natureza nas obras das escritoras brasileiras referidas no título, como expressão de uma reconciliação dos corpos com sua origem telúrica. Em *Mitos, imagens e símbolos em Quem muito olha a lua fica louco, de Aclyse de Mattos*, Marta Helena Cocco utiliza-se da antropologia do imaginário no exame sobre o tema do olhar expresso pelo eu lírico nesta obra do mato-grossense Aclyse de Mattos. As imagens recorrentes permitem distinguir um movimento das representações de um olhar alinhado ao princípio masculino em direção às representações do feminino, as quais oferecem uma visão contra ideológica do universo feminino. Larissa Lacerda, em *Literatura indígena: memória e resistência: a casa universo na obra de Gabriel Gentil e Luis Lana*, oferece-nos um breve panorama da cosmogonia Tukano-Desana em que se destaca a imagem da Terra como corpo/casa da deusa Yepá.

A interlocução com a Psicanálise se fez presente em dois artigos que compõe a terceira licitação, “Corpo e psicanálise: litorais”. Em *Olhar e Angústia*



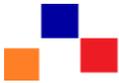
---

*num conto de Tânia Faillace*, Luís Fernando Barnetche Barth, Laura Sanches Lopes e Ana Caroline de Oliveira Cesari investigam os conceitos de olhar e angústia partindo do conto “A Filha”, da escritora gaúcha Tânia Faillace. Carla Renata Braga de Souza Martinez e Leônia Cavalcante Teixeira partem do referencial psicanalítico em *Crepúsculo do adolescer: A literatura como espaço de construção subjetiva na passagem do laço familiar para o laço social*, para tomar a saga Crepúsculo como metáfora do adolescer, a qual concorre para a constituição subjetiva pela identificação e redefinição dos ideais na passagem da infância para a adolescência. Como paradigma das expressões corporais desta fase, o vampiro permite o contato e elaboração de temas como morte, medo, sedução e erotismo.

Na licitação “Potências corporais na educação”, Elni Willms e Fábio José Gomes investigam o corpo em seu aspecto simbólico ao examinarem as dimensões sensíveis da prática da capoeira angola como expressão de sensibilidade crepuscular ancestral. Para isso, aproximam a poética corporal da literatura de Guimarães Rosa em seu artigo *Educação de Sensibilidade Crepuscular: escrevivendo o corpo na capoeira angola*. Simone Cristina Mendonça reconstrói o dispositivo literário que relaciona as crianças, as mulheres e a escola constituindo uma literatura infanto-juvenil como local de afirmação de valores morais e patrióticos em *Literatura infanto-juvenil, mulheres e educação no Brasil do século XIX*. Por fim, em *Memória, Narração oral e corpo: vivências realizadas no Lab Arte da Feusp*, Fabiana Rubira e Patrícia Perez Morales apresentam um relato de experiência desenvolvido no Lab-Arte, Laboratório Experimental de Arte, Educação e Cultura da FEUSP.

Além dos trabalhos compondo o dossiê temos, na sessão *Outros lugares*, o artigo *A tão difícil arte de ler ou do mundo como texto*, de Rogério de Almeida e Louis José Pacheco de Oliveira, no qual eles discutem a leitura na esfera contemporânea.

Este número do periódico *Polifonia* foi organizado por membros do Grupo de Pesquisa *Lugares de Arte: linguagens, memórias, fronteiras*



(CNPq/PROPq-UFMT), que desenvolve estudos comparados de produções literárias e outras artes, culturas e áreas, viabilizando a emergência de suas fronteiras identitárias, diferenças, singularidades. Reunindo e colocando em circulação trabalhos de pesquisadores de diferentes instituições de ensino que, de um modo ou de outro apresentam esse perfil, cumpre em diferentes parâmetros esse objetivo.

Agradecemos aos autores o envio de seus trabalhos e, aos caros entrevistados, a oportunidade da partilha de opiniões e vivências pessoais, acadêmicas, históricas.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Os organizadores